

– *Apresentação* –

Não passarão! O legado da Revolução Espanhola

Glauco Bruce Rodrigues

Professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia
Universidade Federal Fluminense – Campos dos Goytacazes

Não poderia iniciar essa apresentação sem chamar a atenção para a difícil conjuntura pela qual passamos, não apenas no Brasil, mas no mundo. As contradições e conflitos que caracterizam o capitalismo tornaram-se mais agudas pelo menos desde 2008, com a crise que afetou principalmente os EUA. Quase uma década marcada por diversas crises ao redor do mundo. Conforme tais contradições e conflitos tornam-se mais agudos, é perceptível o aumento das desigualdades, da violência e das injustiças. Talvez as piores faces de tais contradições sejam o drama dos refugiados do Oriente Médio e da África, a guerra civil na Síria, a tragédia do Haiti, absolutamente ignorado pela "comunidade" internacional. Não podemos esquecer a ascensão de toda espécie de fascismo e fundamentalismo ao redor do globo, a precarização contínua do trabalho e as políticas de austeridade que buscam reduzir cada vez mais direitos sociais conquistados. No caso

brasileiro, não há dúvida de que 2013 iniciou uma nova conjuntura marcada por um crise econômica e pela polarização política da sociedade brasileira, explicitando conflitos de todas as ordens. Tal conjuntura aponta para períodos difíceis, principalmente para a população mais pobre, alvo de crescente violência institucional através dos braços armados do Estado e das propostas de redução dos investimentos em direitos sociais. A militarização da cidade e do campo, a criminalização dos movimentos sociais e a judicialização de todo e qualquer conflito apontam um quadro difícil para a esquerda brasileira, que encontra-se absolutamente fragilizada e, até o momento, incapaz de se colocar de forma contundente e ativa, tanto no combate ao avanço de forças conservadoras e reacionárias, quanto na elaboração de propostas concretas e efetivas de mobilização e ação.

Por conta deste quadro, é sempre um alento quando nos deparamos com algo que nos dá

esperança, inspira a agir, alimenta o pensamento e a alma, fortalece nossa vontade para enfrentar os desafios. Foi assim em Junho de 2013, foi e está sendo com o processo de ocupação de escolas e universidades promovidas pelos estudantes em todo o Brasil. Apesar de seus limites, hesitações e contradições, não há dúvida de que os principais protagonistas das lutas recentes no Brasil são pessoas e organizações fortemente influenciadas pelo pensamento libertário.

É nesse espírito que a Rede Reclus-Kropotkin de Estudos Libertários apresenta o número 3 da Revista Território Autônomo, um número temático denominado **A experiência anarquista durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939): 80 anos de reflexões**. Esperamos que este número possa contribuir, ainda que de forma modesta, para nos inspirar a não ceder, a não recuar diante das difíceis lutas que devem ser travadas agora.

A Guerra Civil Espanhola começou em 19 de julho de 1936 e terminou em 31 de março de 1939, com a vitória dos Nacionalistas liderados por Francisco Franco. A Guerra Civil Espanhola é um daqueles momentos na História em que a vontade e a capacidade dos homens e mulheres é colocada à prova e podemos testemunhar a fragilidade, a crueldade e a força da condição humana, tudo ao mesmo tempo. Nesse sentido, destacamos a experiência do movimento anarquista espanhol, que no meio de uma carnificina que deixou aproximadamente 400 mil mortos e 450 mil refugiados, conseguiu implementar novas formas de organização social, política e econômica. Em meio ao caos, aos bombardeios, traições, escassez de

alimentos, perseguições políticas, conflitos e incertezas, homens e mulheres foram capazes de produzir e viver de uma forma diferente, inspirados em um ideal de liberdade, justiça e igualdade. No meio de tamanha incerteza, a criação de algo diferente, a concretização do que hoje chamamos de utopia, sonho e impossível. Claro, não negamos a fragilidade da experiência e sua pouca durabilidade, porém, somente sua existência é motivo suficiente para sua celebração. Não há como deixar de lembrar do belo poema de Carlos Drummond de Andrade, *A Flor e a Náusea*:

(...)
Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralise os negócios,
garanto que uma flor nasceu.
Sua cor não se percebe.
Suas pétalas não se abrem.
Seu nome não está nos livros.
É feia. Mas é realmente uma flor.
Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

A experiência anarquista na Espanha deve ser resgatada, lembrada, estudada e analisada de forma crítica para que possamos aprender com os erros e os acertos, avaliar as possibilidades, as margens de manobra, as potencialidades e os limites da luta social inspirada no pensamento libertário. Não se trata, em hipótese alguma, da busca de um modelo pronto e acabado que deveria ser aplicado em diferentes contextos históricos e geográficos, mas sim de buscar aprender com uma das

experiências mais importantes da história dos trabalhadores, que foi a revolução espanhola, engendrada pelos trabalhadores. Portanto, não se trata de um resgate meramente museológico e contemplativo ou de um modelo idealizado que deve ser aplicado, mas de apreender e analisar tal experiência em sua complexidade e totalidade de forma crítica, para que possamos evitar qualquer tipo de idealização e fetiche. O que não nos impede, a despeito disso, de sua celebração.

Convidamos o leitor a mergulhar nesse número da revista para que ele possa ter um contato inicial com o significado e o legado da experiência anarquista espanhola.

Na seção **Críticas e Alternativas**, apresentamos três artigos que tratam da experiência anarquista espanhola em perspectivas e momentos históricos distintos. O texto de Alexandre Samis, intitulado **Raízes do Federalismo Revolucionário e da organização operária anarquista na Espanha**, examina de forma minuciosa os processos de constituição do movimento anarquista espanhol, partindo da investigação da ideia de federalismo. O autor aponta as diferentes perspectivas, os antagonismos, as divergências e convergências das diferentes correntes políticas do pensamento espanhol e suas organizações, principalmente no que se refere às organizações dos trabalhadores. O texto de Samis, portanto, é indispensável para a compreensão de elementos teóricos e práticos que estavam presentes na experiência anarquista durante a Guerra Civil. Em seguida, o texto de Glauco Bruce Rodrigues, intitulado **Ninguém é senhor, somos todos tu**, apresenta uma análise crítica das práticas concretas dos anarquistas durante a Guerra

Civil. O artigo apresenta ao leitor uma análise que se inicia com as causas estruturais e conjunturais do conflito, a seguir, dedica-se a apresentar os principais elementos que constituem o caráter revolucionário da experiência anarquista, como, por exemplo, o processo de coletivização, as práticas de autogestão, a dinâmica das comunas, conselhos e federações. Por fim, realiza um balanço sobre os limites, possibilidades, erros e acertos, bem como chama a atenção para a dimensão espacial do processo. Por fim, o texto de Mauro J. Cavalcanti, intitulado **Da Espanha ao Curdistão: Paralelos entre a revolução libertária espanhola e a revolução social em Rojava**, realiza o exercício de analisar as convergências, similaridades e as diferenças entre as experiências da revolução espanhola e o processo revolucionário contemporâneo que se desenvolve na região de Rojava, no Curdistão. O autor destaca quatro aspectos principais para estabelecer as comparações, a saber: a economia, a governança, a educação e a segurança. Além disso, o texto também trabalha a forma como cada uma dessas experiências foi tratada pela mídia, pela academia e pela esquerda como um todo. Fora isso, o texto trás uma importante contribuição para disseminar a experiência curda por se tratar, provavelmente, da mais importante luta emancipatória do mundo atual claramente inspirada em uma práxis libertária.

Na seção **Encontro com os clássicos**, Timo Bartholl foi o responsável pela tradução do texto **A coletivização na Catalunha**, do militante e jornalista anarquista Augustin Souchy (1892-1984). Neste texto o autor apresenta uma descrição viva e geral do processo de coletivização dos meios de

produção na região da Catalunha e a dinâmica da autogestão dos trabalhadores. Amir el-Hakim de Paula traduziu o texto **O sistema salarial**, de Piotr Kropotkin (1842-1921), na qual o geógrafo e anarquista russo debate a questão da remuneração do trabalho na sociedade socialista. Kropotkin se coloca na polêmica contra a perspectiva coletivista, que defende a remuneração de cada trabalhador segundo a formulação "para cada um de acordo com seu trabalho". O anarquista russo argumenta que tal fórmula reproduz desigualdades de classe e propõe a ideia de "para cada um de acordo com suas necessidades".

Na seção **Direto da luta**, Thiago Roniere entrevista o militante e intelectual anarquista Frank Mintz, membro da Confédération Nationale des Travailleurs-Solidarité Ouvrière. Mintz é uma das principais referências contemporâneas para qualquer estudo sobre a história do movimento anarquista e sua dinâmica contemporânea, principalmente no que se refere aos debates relativos à revolução

espanhola. Nessa entrevista, além de traços biográficos, Mintz aborda diversos aspectos da experiência anarquista, principalmente em relação às coletivizações, as relações dos anarquistas com outros campos políticos, as divergências internas, o feminismo espanhol, entre outras questões.

O leitor tem em mãos um conjunto rico de textos que permite, sem dúvida, uma aproximação densa e qualificada da experiência espanhola. Esperamos que este número da Revista Território Autônomo possa contribuir, ainda que de forma modesta, para fomentar e enriquecer o debate sobre as práticas emancipatórias autônomas e, dessa forma, contribuir para a ação orientada pela reflexão crítica, tão necessária na atual conjuntura.

Glauco Bruce Rodrigues
Campos dos Goytacazes,
Primavera de 2016